

COMUNICAÇÃO, CULTURA E VIOLÊNCIA ASPECTOS DA DISCUSSÃO TEÓRICA E DA PESQUISA

Silas Nogueira

Mestre em Sociologia (Unesp), doutor em Ciências da Comunicação (ECA/USP), pesquisador e professor do CELACC/Eca/Usf (Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação) e membro do Centro Cultural Orùnmilá de Ribeirão Preto- SP.

Resumo

Este trabalho retoma a discussão epistemológica que envolve os campos da comunicação e da cultura. Para isso, reuniu esforços no sentido de discutir elementos teóricos que podem se constituir em uma contribuição para pesquisas que envolvem esses dois campos. Com esse objetivo, optou-se por utilizar como vínculo com a realidade concreta um fenômeno social que perpassa as relações sociais contemporâneas e instiga a busca de conhecimentos, a violência e suas diferentes formas que não desapareceram mesmo diante da acelerada *mediatização* contemporânea e das novas tecnologias.

Palavras Chave: Comunicação; Cultura; Mediatização; pesquisa; violência

Abstract

This academic work refers to the epistemological discussion involving the fields of communication and culture. For this goal, efforts were met to discuss theoretical elements that can constitute a contribution to a research involving these two fields. With this goal, we choose to use as a bond with the concrete reality a social phenomenon that permeates contemporary social relations and encourages the pursuit of knowledge, the violence and its different forms that did not disappeared even in the face of accelerated contemporary media excess and new technologies.

Keywords: Communication; Culture; Mediazation; research; violence

Resumen

Este artículo se refiere a la discusión epistemológica que implica el campo de la comunicación y la cultura. Para este propósito, se reunieron los esfuerzos para discutir elementos teóricos que pueden constituir una contribución a la investigación con estos dos campos. Con este objetivo, optó por utilizar como un vínculo con la realidad concreta un fenómeno social que impregna las relaciones sociales contemporáneas y anima a la búsqueda del conocimiento, la violencia y sus diferentes formas que no desaparecieron, incluso en la luz de la acelerada mediatización contemporánea y las nuevas tecnologías.

Palabras clave: Comunicación; Cultura; Mediatization; la investigación; la violencia

1 - Pesquisa, Cultura e crises no contexto da midiatização

Este trabalho busca alimentar a discussão na perspectiva de refletir sobre elementos teóricos que contribuam para pesquisas que envolvam aspectos da violência nas suas relações com a cultura e a comunicação, campos estes considerados aqui como inseparáveis e que, em uma perspectiva crítica e histórica, não se distanciam de uma concepção de política, desde que o conceito de política seja ampliado, entendido como práxis, como conjunto de ações amparadas na reflexão e nas diferentes qualidades das relações humanas na história; uma leitura que pode ser sintetizada na afirmação de que a “cultura é o modo de relacionamento humano com seu real”. (SODRÉ, 2005, p. 37). Cultura e comunicação, então, são tratadas como processos históricos intrínsecos ao desenvolvimento da humanização, da condição humana resultante da ação sobre mundo em uma práxis que é tão cultural quanto política. Já a violência aparece como oriunda das perdas, todas, inerentes aos processos sociais e expressas na exploração, na apropriação indevida, nas negações da existência plena e da liberdade, nas alienações, enfim na negação e violação da própria vida dos sujeitos individuais ou coletivos.

Pensar a cultura e a comunicação implica, portanto, enfrentar as dificuldades da contextualização no complexo processo de “liquefação” e “volatilização” em que as sociedades ocidentalizadas - na vigência da expansão da cultura e das práticas do consumo e do mercado - se encontram na contemporaneidade (BAUMAN, 2001). Ou seja, o estudo e sua compreensão exigem um esforço compatível com a busca de entendimento das complexas relações sociais que vigoram na “modernidade líquida”, período pós *virada* de século no qual uma das marcas mais acentuadas está no derretimento de estruturas simbólicas, morais, pedagógicas, na *volatilização* de grande parte da produção com o predomínio do capital financeiro e na “passagem da comunicação centralizada, vertical e unidirecional (...) às possibilidades trazidas pelo avanço técnico das telecomunicações, relativas à interatividade e ao multimídiaismo” (SODRÉ, 2009, p. 11). Um tempo histórico no qual a rapidez se impõe como uma qualidade vital e as mudanças, embora processadas em velocidade nunca experimentadas, se assemelham a um motocontínuo que se renova sem se renovar, ou a um novo mito de Sísifo, cujos caminhos mudam na superfície, no texto e contexto estético, mas cuja origem, destino e missão se embaralham, encantam, mas não se alteram substancialmente na essência. Mudanças, velocidade e possibilidades, embora abundantes, carregam não apenas velhas estruturas ainda não derretidas, mas também sementes férteis de conservadorismo, de valores construídos em relações sórdidas. No embate histórico com o novo, como o nascimento de novas possibilidades, o que permanece sólido - mesmo com aparência líquida e algumas qualidades voláteis - e hegemônico não é tão novo assim e as mudanças ganham brilho tecnológico e efetiva capacidade de ação, mas se dão em terreno minado pelo controle¹, pela força de um Midas multifacetário que parece intocável e eterno, mas que também é histórico:

As novas tecnologias apóiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital (“o turbocapitalismo”) esse processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de “globalização” e cuja autopropaganda, atravessada pela ideologia do pensamento único, lhe atribui poderes universais de universalização. (...) Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, possíveis pelas teletecnologias – globalização é, portanto, um outro nome para a “teledistribuição” mundial de pessoas e coisas”. (SODRÉ, 2009, p. 12).

medida as relações sociais, se novas formas de trocas de sentidos e informações se apresentam e se estabelecem, mesmo plenas de contradições, grande parte das estruturas organizacionais, políticas e ideológicas se sustentam em bases antigas, ultraconservadoras e voltadas para a construção de novos patamares físicos, ideológicos, filosóficos e, ao mesmo tempo, políticos, que mantêm a sociedade de mercado, a sociedade das trocas e da lógica da mercadoria, a velha e surrada sociedade de consumo de caráter moderno e ocidental. Trata-se - no aspecto entendido como “concreto tradicional”, em oposição a um “concreto virtual” - da convivência de um fantástico avanço tecnológico com um feroz atraso na qualidade das relações humanas, expressos na sórdida permanência das desigualdades sociais, das diferentes formas da violência e de outras perdas que podem ser percebidas pela presença da exploração, do racismo, da venalidade de manifestações intrinsecamente humanas, enfim, do conjunto de esvaziamentos que reforçam a alienação, fenômeno hoje tratado, ao lado da reificação, com menos abstração e com nomes mais simplificados como “liquefação”, para facilitar o entendimento da coisificação do humano e suas relações: “O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável” (BAUMAN, 2003, p.23).

Os avanços referidos ocorrem nos mecanismos e forças não só de produção de bens materiais/econômicos no sentido estrito mas também, e principalmente, naqueles de produção de sentidos, de significados que vão além do simbólico, remexendo e envolvendo as representações e o imaginário como um todo. Nesse processo - em um possível recorte para o campo da comunicação no seu sentido mais restrito - velhos meios e formatos, velhas linguagens e antigos objetivos, sustentados pela lógica de mercado e pelo culto venal do tempo como dinheiro/mercadoria, se sustentam e atuam em proporções semelhantes ou mesmo superiores ao aparato e possibilidades comunicacionais criados com as novas tecnologias que consolidaram a comunicação digital, virtual e em rede. Ou seja - ainda que inseridos em um amplo mecanismo de convergências de técnicas digitais sofisticadas, linguagens, mecanismos e suportes - ainda são predominantes pensamentos, ideologia e objetivos dos velhos processos comunicacionais acoplados a uma lógica conservadora, a ordem do velho liberalismo, que se sustenta nos grandes monopólios, nas megaempresas, nos conglomerados empresariais de grande potência e influência na manutenção da hegemonia e das velhas ordens estabelecidas desde o florescimento do antiquado capitalismo do início da modernidade. Não sem grandes contradições, conflitos e negações conjunturais e mesmo estruturais, mas ainda assim hegemônico.

Para ficar em um exemplo, que é também uma situação e um fenômeno midiático, aquela que surgiu nos anos 1950, como um amontoado de válvulas e tubos e roubando comunicação/informação dos já cansados cinema, rádio, teatro e jornais impressos, a velha senhora televisão, ainda se apresenta como síntese poderosa dos conflitos e crises de paradigmas, como catalisadora dos resultados do fluxo frenético de informações na hipermodernidade anunciada por LIPOVETSKY e SERROY (2011). Nela, as novas tecnologias e meios digitais alimentam as qualidades da produção, mas, ao mesmo tempo, estes são alimentados com conteúdos oriundos da base televisiva. Assim, a TV ainda mantém firmes níveis de audiência e aceitação, burila, cria, recria, lustra e obscurece consciências no velho estilo *hollywoodiano*, mesmo que com alguma interação, a maneira dos Reality Shows ou de comentários pessoais via *redes sociais* e correios eletrônicos. Na televisão, enquanto meio e com criteriosa diversidade de estilos, a produção do espetáculo cotidiano se nutre de velhos fantasmas morais, de seculares sentidos de vingança/justiça/ódio, de velhos formatos de jornalismo, muitos dos quais não se distanciam substancialmente dos tempos em que impulsionaram a mudança da linotipo para o então fantástico “off set”. E os modelos privados de gestão a fazem permanecer como um curioso hipermercado de

almas e consciências, ainda que, felizmente, inquietas, mas insatisfeitas e aptas a consumir o próximo ato do espetáculo virtual que já foi entendido como noticiário do real concreto ou uma encenação do real que um dia levou o nome de ficção.

Confundindo-se historicamente com a sociedade, os campos entremeados da cultura e da comunicação possuem características e tipos de desenvolvimentos que só podem ser compreendidos na medida em que não sejam desvinculados da história nem desassociados das formas de avanços e recuos que marcam a própria sociedade humana.

Pesquisar, contextualizar, buscar conhecer demanda, de alguma forma, buscar formas de enfrentamento da já bastante conhecida “crise dos paradigmas” que envolve tanto o pensamento científico quanto a própria modernidade e a consolidação, como hegemônico, do arcabouço teórico/político ocidental.

Nesse sentido, as reflexões aqui expostas não desconsideram as tentativas de conhecimento crítico dos avanços científicos e tecnológicos em seus contextos, mas não ignoram, a despeito das conquistas, os recuos e perdas sofridas pela humanidade nas tentativas de construção ou adequação das formas de desenvolvimento que moviam mentes e caixas registradoras “rumo ao futuro”, acopladas ao clamor ideológico do “ideal de progresso” que marcou a construção da Modernidade e a cultura hegemônica a ela correspondente (ADORNO, HORKHEIMER, 1997). Se o desenvolvimento possibilitou inúmeros avanços, nos diferentes campos do saber e da práxis humana, os recuos e perdas tornaram-se, dialeticamente, tão significativos quanto dolorosos a ponto de serem identificados, em contextos específicos, como predominantes na “era das incertezas”, na sociedade onde cultura, relações, instituições e valores se liquefazem em velocidade nunca antes experimentada.

Em um possível recorte de análise, nesse processo de perdas e empobrecimentos acoplado ao desenvolvimento, destaca-se a violência, na sua concepção histórica, social e humana. Fenômeno associado ao processo de alienação (MÉSZAROS, 1981), a violência - assim como as desigualdades sociais e a histórica ação de truculência dos poderes instituídos - impregna as relações sociais ressaltando as condições de *reificação* e desumanização (NETTO, 1987; SILVEIRA, 1989; NOGUEIRA, 1998) que passam a integrar os nexos sociais e culturais. Dessa forma e sob essa ótica, cultura, violência e alienação, nas sociedades de consumo e mercado, não estão distanciadas da comunicação, ao contrário, se manifestam e mesmo se intensificam mediante sua ação, mediante o processo que, na contemporaneidade, é identificado por *mediatização*.

Fenômeno complexo que também exige esforço multidisciplinar para sua compreensão, a relação cultura/violência/comunicação cria desafios que são colocados para todas as instâncias sociais em geral e em particular para os pesquisadores, para as ciências humanas e sociais. “Quando não se sente, nem se sabe mais exatamente o que é violência, fica em seu lugar o ódio - tão visível na indiferença predatória das elites quanto na crueldade física dos atos de agressão anônimos”. (SODRÉ, 2006, p. 108). Ao mesmo tempo, um dos mais controversos, seguramente o mais eficiente, mecanismo de visibilidade das relações sociais, a *mídia*², apresenta tamanha complexidade que a torna capaz de ganhar definições como a feita por Octavio Ianni: “O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania” (2000, p. 152). A afirmação de Ianni sintetiza com profundidade o que caracteriza, em termos hegemônicos, a cultura nas sociedades contemporâneas de consumo e mercado, descreve o processo denominado de *mediatização* e o coloca como referência para a análise de diferentes aspectos dos conflitos que envolvem cultura, comunicação, violência e seus desdobramentos expressos quando

são analisados por categorias usuais como resistência, identidades, pertencimentos, alienação, movimentos sociais, comunidades e outros com dimensões próximas ou não tão abrangentes. É nesta realização de metamorfoses realizadas no campo midiático que reside o grande desafio para a análise das mudanças profundas, e também das mais superficiais ou cosméticas, que se deram na contemporaneidade com o desenvolvimento dos novos mecanismos e meios eletrônicos que tanto expandiram as possibilidades da comunicação e da cultura quanto aumentaram o potencial de controle, vigilância e criação de valores e consciências, de sujeitos, de *personas*, de práticas e de sonhos.

2- Contexto e contribuições epistemológicas

O estudo dos fenômenos sociais, em todos os momentos históricos, para garantir sua profundidade e poder colocar seus resultados para verificação crítica diante das práticas sociais, necessita abordar tais fenômenos considerando suas conexões histórico-sociais, suas interdependências e suas interações na totalidade histórica, no conjunto das relações sociais (VÁZQUEZ, 1968; LÖWI, 2007 e 1978).

A comunicação, na sua imbricação com os elementos constitutivos da cultura, como fenômeno histórico, integra, na condição de elemento fundamental, o processo de desenvolvimento, a aventura dialética da humanização. Essa condição confere aos processos comunicacionais grau de importância histórica equivalente àqueles outros constitutivos e constituintes da história e da organização social, como o trabalho - na sua forma ampla de criação de valores não apenas econômicos - e demais relações humanas e sociais (ROSSI-LANDI, 1985). Esse caráter, que integra a práxis humana tanto no sentido de conservar quanto de transformar as relações sociais, se estende e se amplia nos meios de comunicação coletivos, ou *massivos*, (LOPES, 1999) meios que foram potencializados, em todos os sentidos, com o atual estágio do desenvolvimento tecnológico atingido, particularmente, o campo da informática. (VILCHES, 2006)

A partir dessa imbricação ontológica no desenvolvimento sócio-humano, a comunicação - e todo o universo cultural, tecnológico, linguístico, político-ideológico que a compõe e mobiliza - chega à contemporaneidade com características que a tornam capaz de identificar a própria era, a própria contemporaneidade. “Sociedade *mediatizada*” e “era da informação” (MORAES, 2006) são duas fortes expressões que denotam esse peso ao mesmo tempo em que se inter-relacionam de maneira orgânica com outras que, na forma de sínteses de conceitos, definem os tempos atuais, como sociedade “globalizada”, “*mundializada*”, sociedade pós-industrial e, num esforço mais semântico que histórico, sociedade “pós-moderna” (IANNI, 2000). Essa realidade, com tudo o que carrega de concreto e de virtual, explicita também contradições. Se o desenvolvimento adquirido mantém forças hegemônicas seculares, também se constitui e é criador de possibilidades de conhecimento e de construção ou aperfeiçoamento de mecanismos capazes de levarem a sociedade a um patamar de desenvolvimento humano compatível com os avanços tecnológicos e científicos. Mecanismos que podem levar, portanto, a um outro tipo de desenvolvimento, aquele que almeja a re-humanização. Nesse conjunto de mecanismos o peso maior recai sobre os recursos comunicacionais de diferentes características e dimensões tecnológicas, diferentes usos e funções sociais, os chamados meios de comunicação social e suas renovadas formas e tecnologias. Mas são mecanismos, ou maquinismos, tão plenos de novidades técnicas quanto de necessidade e desejo de seu controle social, de seus usos para fins diferenciados, um controle e formas de uso que, predominantemente, ainda tem sido feito por aqueles que - ao dominarem política e economicamente o conhecimento e a pesquisa - os fizeram avançar na perspectiva de manutenção da velha ordem, do velho poder concreto e simbólico cujo sistema,

ainda no século XIX, o mundo passou a chamar de capitalismo. É essa condição política, com capacidade de transformar e também de sustentar que não confere qualquer aspecto de neutralidade às novas tecnologias, incluindo as específicas do campo da comunicação, nem as caracteriza como simples “extensões dos sentidos humanos” à maneira *mcluhaniana*. Formam, concretizam, avançam e se constituem em um fenômeno eminentemente político, com toda a extensão que o sentido da expressão pode alcançar. Assim, a democratização desses mecanismos, em uma perspectiva ampla e comunitária, pode levar ao aumento da participação política.

As possibilidades de desenvolvimento da crítica e aumento dos níveis de consciência política, que levam ao fortalecimento da sociedade civil, estão associados às possibilidades de acesso e uso, pelos cidadãos, pelos sujeitos sociais, dos recursos e meios que tanto criam como disseminam o conhecimento, movimentam com criações e recriações o campo mais conhecido, de forma restrita, como “campo da cultura”. O enfrentamento dos graves problemas sociais, a desigualdade e a violência, por exemplo, só obtém avanços mediante a participação política no âmbito da sociedade civil. E esta, ao mesmo tempo e dialeticamente, só se fortalece na práxis, resultante da reflexão e da ação, no engajamento; se fortalece, portanto, na própria participação política, no sentido amplo do termo.

Nos campos aqui ressaltados, a crítica, as análises e posicionamentos teórico-políticos tiveram especial desenlace na América Latina (BERGER 2001; NOGUEIRA, 2005) com um ponto de partida bastante complexo que foi a disseminação do pensamento de Antônio Gramsci e, posteriormente, da escola denominada de Estudos Culturais (CEVASCO, 2003) entre intelectuais e militantes políticos do Continente. O primeiro embate se deu em relação a predominância da influência da Teoria Crítica que já havia superado, em centros influentes, as teorias de origem positivista, funcionalista e, em menor medida, estruturalistas. Com o pensamento gramsciano e a influência dos Estudos Culturais, se não houve propriamente uma “mudança de eixo”, novas possibilidades se abriram particularmente no que se refere à valorização da cultura e intensa discussão sobre seu conceito, discussão que, quase sempre, procurou superar os limites encontrados na Teoria Crítica e nos estruturalistas. Ganham mais espaço e importância as investigações em torno do sujeito, do sujeito como receptor e também produtor de sentidos e comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1978 e 2001). Para além disso, com um sentido político mais profundo, as novas formas de se trabalhar e pesquisar com as concepções gramscianas - hegemonia, visão de mundo, intelectuais e consciência - passam a integrar de modo significativo as pesquisas e a produção teórica correspondente, contemplando lutas e ações político-culturais que deram maior visibilidade aos movimentos sociais e seus espaços de atuação. Contribuem para a percepção da existência de diferentes culturas e para o peso das culturas tradicionais, em especial as culturas de matriz africana e a cultura indígena.

Essa discussão, em seus aspectos culturais e históricos, envolve necessariamente, os conceitos de visão de mundo e ideologia que, numa perspectiva gramsciana, são fundamentais na consolidação das estruturas de poder e na construção da hegemonia. Nas relações sociais contemporâneas, a visão de mundo, na sua relação com a cultura e com a ideologia, associa-se nas práticas sociais às questões ligadas ao que é chamado de cidadania, da participação política e dos direitos fundamentais da pessoa humana e da consciência construída a respeito desses mecanismos e direitos.

Em mais de meio século de estudos e pesquisas, (LOPES, 2003) a evidência do caráter ambivalente conservador/ transformador – político, no amplo sentido - dos processos comunicacionais e seus mecanismos é considerada fundamental para a compreensão das relações hu-

manas e sociais, das relações de poder (MORAES, 2010). Neles, os fenômenos sociais são explicitados ou escamoteados, revelados ou distorcidos, divulgados ou silenciados. Dessa forma, seria difícil que não se associassem direta ou indiretamente a esses processos aspectos fundamentais dos problemas das sociedades, particularmente daquelas formações construídas sob grandes desigualdades que acentuam fenômenos como a alienação (MÉSZAROS, 1981), a violência (NOGUEIRA, 1998), a fraqueza da sociedade civil e os níveis de participação política.

A visão de mundo dos sujeitos, construída na práxis social, leva a níveis diferenciados de participação social que, por sua vez, pode propiciar formas mais específicas de participação política dos sujeitos (GOHN, 2000 e 2010; NOGUEIRA, 2005; COUTINHO, 2000). Na contemporaneidade, a velocidade das transformações, principalmente tecnológicas, mas também institucionais, exige que se trabalhe com um conceito de participação política que envolva sim a questão da cidadania e da busca de direitos mas também que possa ultrapassar os conceitos, atualmente predominantes, com uma leitura que permita o questionamento das limitações desses conceitos (DAGNINO, 2000). Aqui, esse questionamento da concepção clássica de cidadania almeja modificações no sentido de aproximar os conceitos mais das mobilizações sociais transformadoras e das formas de organização político-social do que da busca de conquista de direitos para determinados locais ou grupos específicos que atuam sem uma perspectiva de mudanças mais significativas na sociedade (COUTINHO, 2000).

Essas modificações indicam que os esforços de entendimento, as investigações, busquem o desenvolvimento de pesquisas que contemplem, por um lado, os movimentos sociais, as organizações que empreendem lutas diversas de emancipação e libertação e, por outro, as formas de organização de processos comunicacionais alternativos e comunitários, rádios, TVs, jornais, revistas e blogs e os espaços das chamadas “redes sociais” da internet. Nos dois campos, os elementos de questionamento, de crítica e de formas de se questionar consciências e visões de mundo têm mostrado possibilidades de mudanças qualitativamente diferentes dos meios tradicionais, tanto no exercício da formação político/educacional quanto da comunicação humana. (PAIVA e SODRÉ, 2002). E isso necessita e instiga exploração e conhecimento.

3 - Formação, subjetividade e mídia

Mesmo com todo o avanço do campo da informática – com seus vários recursos, potencialidades e suportes – e a consequente ampliação do uso e da ação da *internet*, a sociedade *mediatizada* tem ainda na televisão um dos mais fortes e influentes mecanismos de comunicação. Esse meio sintetiza, em termos de tempo, espaço e tecnologia, o encontro da chamada *mídia* tradicional, com predomínio da comunicação linear, com as novas tecnologias, traduzidas no uso da internet e nas quais o predomínio é da comunicação virtual e em rede (SODRÉ, 2009). O entendimento das características predominantes na televisão torna-se uma plataforma bastante significativa para um início de entendimento da complexidade midiática atual na medida em que seu pioneirismo no campo tecnológico, de imagens e projeções virtuais, funda a sociedade mediatizada e a alimenta constantemente com seus conteúdos.

A estreita relação do conceito de *mídia*, e da própria televisão, com o consumo e sua cultura, fortalece a possibilidade de se trazer, inicialmente, seu estudo para o espaço em que o predomínio do mercado é hegemônico.

No Brasil, e demais países onde o controle dos meios de comunicação é predominantemente privado (MORAES, 2008), esse recorte recai sobre a televisão comercial, de propriedade e gestão privadas. É nesse universo que o tratamento e a relação com a violência ganham di-

mensões próprias que, na maioria dos casos, estão associadas à lucratividade, à *espetacularização* (KELLNER, 2006; NOGUEIRA, 2009) e a um consequente desrespeito à condição humana, desrespeito aos valores, aos direitos e demais construções culturais que caracterizam a busca da liberdade, o crescimento e as possibilidades de desenvolvimento integral dos sujeitos nas sociedades. A convergência, saudada entusiasticamente por Jenkins (2008), alterou as formas da produção, inclusive nas suas áreas sensíveis, de avanço sobre as subjetividades. E isso, tecnicamente, se traduz em um avanço. No entanto, em uma leitura crítica que Jenkins não faz, a potencialização da capacidade de metamorfosear a vida em objeto, em mercadoria, não pode ser traduzida exatamente como superação de uma situação de misérias físicas e espirituais, como novo patamar de valorização das relações humanas.

Um dos aspectos que aparece com frequência entre as preocupações de setores da sociedade civil brasileira e de pesquisadores refere-se à situação de jovens, crianças e adolescentes e suas relações com as diferentes formas da violência, em particular aquelas tratadas e representadas nos mecanismos de comunicação, quer na forma de informação jornalística quer nos gêneros identificados com a ficção e o entretenimento.

Em sociedades marcadas historicamente pela violência da desigualdade e pelas formas opressivas de tentativas de resolução dos problemas sociais, as relações são permeadas, objetiva e subjetivamente, por diferentes aspectos dessa violência que envolvem e interferem na formação sócio-cultural e vitimam setores mais fragilizados da sociedade. Como a sociedade brasileira se enquadra com perfeição nesse quadro (OLIVEIRA, 2009), torna-se compreensível o aumento das preocupações e as tentativas de compreensão dos fenômenos ligados tanto à violência dita real quanto à responsabilidade dos processos comunicacionais na manutenção, sustentação e, quiçá, na elucidação dessas relações violentas. Mais acentuada fica a responsabilidade de pesquisadores se considerada a comoção social, com variantes emocionais extremadas, que se deu recentemente na sociedade brasileira, em particular no universo midiático, envolvendo a questão da maioridade penal e o envolvimento de crianças, jovens e adolescentes com a marginalidade e a criminalidade. A síntese dos discursos predominantes, tanto nas chamadas *redes sociais* e virtuais quanto na mídia tradicional, foi um misto de ódio, vingança, furor puritano de um medievalismo grosseiro, traduzido na arcaica expressão “olho por olho, dente por dente”, uma metáfora de ataque animalesco recheado de uma estranha satisfação com a tortura e a morte.

Considerando os processos comunicacionais como criadores e disseminadores de conhecimento, (BACCEGA, 1998) que se constituem, em circunstâncias específicas, como agentes educadores e formadores, o universo formado por jovens e adolescentes ganha importância nos estudos sobre a relação da comunicação com a violência, reconhecendo-se nessa faixa da população a condição de sujeitos em formação, em crescimento e ávidos por descobertas e conhecimentos (ZALUAR, 1994 - 1995). Tal como definiu Frederico Daia Firmiano, apoiado por Augusto Caccia-Bava, os jovens constituem uma categoria social que, no Brasil, não tem reconhecimento público-institucional, ficando inscrita entre a adolescência e a vida adulta. Para este autor, a formação cultural dos jovens é um “...momento pedagógico constituído por experiências concretas...”, a partir de seu cotidiano junto a grupos, movimentos e/ou instituições distintas (FIRMIANO, 2009). Entre as “instituições distintas” coloca-se, aqui, os meios de comunicação social e todas as possibilidades que adquiriram na contemporaneidade.

A considerar as grandes distâncias sociais que levam a diferentes possibilidades de acesso a formas de fruição da vida e da cultura assim como de desenvolvimento cultural e educacional, a aparente gratuidade e facilidade de acesso proporcionadas pelas televisões abertas fortalecem

as empresas privadas detentoras das concessões na possibilidade de oferecer, via programação, recursos e material simbólicos que alimentam tanto a sede de conhecimento quanto a fantástica busca de novidades empreendida por esses “pequenos filósofos” (KEHL, 1991) que querem desvendar o mundo e seus mistérios.

Diante disso, o estudo de aspectos da relação comunicação/violência ainda tem na televisão brasileira aberta - e sua programação amparada na política nacional de comunicação, - uma importante fonte para o entendimento da relação comunicação/cultura/violência e seus vínculos com as concepções de mundo que integram a formação e a consciência de jovens e adolescentes no país. Essa condição qualifica um estudo com essas características como uma referência possível para a reflexão aqui proposta.

Uma vez tomada a televisão brasileira como referência inicial, um estudo amparado em teorias e métodos de pesquisa de caráter histórico - que concebem a cultura e a comunicação como construções históricas da práxis humana, como processo histórico pleno de inter-relações - cria possibilidades de conhecimento de aspectos significativos das relações sociais e da realidade de um país que apresenta complexa e instigante formação na qual diferentes culturas convivem, confrontam-se e se relacionam gerando visões de mundo distintas e também distintas maneiras de se experimentar e manifestar a vida.

Dessa forma, a opção pela televisão aberta e sua atuação na complexa realidade brasileira, permitem o levantamento de condições para o entendimento das relações do conjunto de informações veiculado por esse meio com as concepções de mundo e posturas ideológicas de jovens e adolescentes.

Considerando o contexto, o lócus da vivência de uma grande maioria de jovens e adolescentes, pleno de carências, desigualdades e formas variadas de violência concreta, importa buscar elementos para o entendimento de como esses jovens e adolescentes concebem a própria violência social, a possibilidade de alguma cidadania, a eficiência ou inoperância dos direitos humanos e as formas de participação política no amplo sentido do termo.

Assim a análise, ao adentrar a subjetividade, ganha importante complementaridade se relacionar as concepções predominantes entre os jovens com o ideário hegemônico e o aparato político-ideológico que sustentam os programas televisivos. Nesse processo, a análise não poderá ignorar os elementos que, na relação realidade/imaginário, trafegam do concreto para o simbólico e permeiam a formação de consciências e visões de mundo: as misérias, as desigualdades, o racismo, a marginalidade e seus correspondentes diretos e indiretos, ou seja, as mortes, o extermínio, a prisão, a tortura, as inúmeras perdas sofridas em um contexto no qual alienação e pobreza se misturam na angústia da desigualdade e no sofrimento das mortes físicas e culturais.

A abrangência e a atualidade do tema permitem que, durante a execução, as próprias teorias, métodos e procedimentos utilizados possam ter suas validades, consistências e alcance analisados, avaliados e reavaliados pelo(s) sujeito(s) pesquisador(es) (FEYERABEND, 2008). Ou seja, os elementos vitais da cultura, ou das culturas, podem alterar rumos e procedimentos diante da complexidade do universo.

4 -Mídia tradicional e transição . Jornalismo e aspectos da violência

Em primeira instância, considerados historicamente como parte mais atuante dos aparelhos privados da situação política hegemônica, os mecanismos de comunicação, em situações e contextos específicos, são fundamentais para a elaboração do consenso em torno das idéias do poder e para a elaboração das concepções e visões de mundo. Essa característica, ainda que atue de forma não homogênea, é crucial para a criação e manutenção da hegemonia (GRAMSCI, 2000). Mas são também esses meios que, igualmente em contextos e situações específicas e em confronto com outros aspectos da cultura, reúnem condições de questionamento, crítica e de contribuição para a elaboração de concepções que possibilitem diferentes leituras, incluindo a crítica, e posicionamentos políticos. (MARTIN-BARBERO, 2001). Entre os diferentes meios de comunicação, que integram o que comumente é denominado de *mídia* (SODRÉ, 2002) a partir do século passado e do desenvolvimento tecnológico, sobressaíram-se os meios eletrônicos, inicialmente o rádio e depois a televisão. Com o surgimento da *internet*, meio ainda em desenvolvimento e em uma velocidade não experimentada pelos anteriores (BRIGGS E BURKE, 2006), a despeito das possibilidades múltiplas, os estudos a seu respeito apontam para uma atuação de complementaridade e convergência com rádio, televisão e meios impressos (VILCHES, 2006). Esses aspectos do desenvolvimento tecnológico, que atinge com especial intensidade tecnologias de comunicação e cultura, se dão de forma mais abrangente e eficiente nos países mais ricos mas, com diferente velocidade e efeito, disseminam-se pelo mundo todo incluindo os continentes e países que foram colonizados e cujo grau, caráter e ritmo de desenvolvimento econômico, social e humano possui outra história, outras características, outros problemas. Incluem-se entre esses últimos a América Latina e o Brasil. Nesse cenário modificado com as novas tecnologias, as mudanças já processadas e em andamento, embora significativas em instâncias do pensamento, da recepção de informações e das próprias formas de relacionamento, não efetivaram de forma significativa uma alteração completa nos processos comunicacionais. O aspecto mais relevante está no que se refere à estrutura real de poder, de propriedade e de gestão dos meios e mecanismos de comunicação. Mesmo com os espaços e nichos democráticos conquistados a partir da expansão das tecnologias digitais e da comunicação em rede, a superioridade real (não apenas hegemônica) das grandes corporações, da velha/renovada indústria de consciências e sonhos, é realidade tão palpável quanto viva e em franco crescimento. Para exemplo básico: “A mídia global está nas mãos de duas dezenas de conglomerados, com receitas entre US\$ 5 bilhões e US\$ 35 bilhões. Eles veiculam dois terços das informações e dos conteúdos culturais disponíveis no planeta” (MORAES, 2010, p. 198). E muito mais informações se ampliarmos o sentido daquilo que o autor se refere como “conteúdos culturais”.

Mesmo com as constatações de que há forte migração de público para a internet, há indicações de que a procura e o movimento é no sentido de se buscar também os conteúdos televisivos na rede, ação que tende a aumentar com os novos recursos e suportes móveis como *smartphones* e tablets. Da mesma forma, a produção exclusiva para a internet ainda não é majoritária e cada vez mais a separação exata de origens dos conteúdos torna-se impossível.

Considerando esse contexto em seus diferentes aspectos, a televisão - agora revigorada pelo apoio da *internet*, incluindo maior velocidade da informação e resultados de trocas que ocorrem nas chamadas redes sociais - permanece, no Brasil e no mundo, como forte veículo tanto no que se refere à audiência e à produção de sentidos quanto ao volume de negócios que envolvem o mercado publicitário e a veiculação de produtos de toda ordem e origem (BOLAÑO e BRITTOS, 2007). Ainda que localizada no que se pode denominar de “mídia tradicional”, televisão se sustenta muito bem na produção e reprodução da “ideologia comunicacional” ao lado e

em conjunto com a internet. (SODRÉ, 2009)

Meio de grandes possibilidades comunicativas, capaz de criar e recriar linguagens nas quais consegue convergir diferentes discursos verbais e não verbais, a televisão é instrumento pleno de potencialidades no tratamento da informação, da elaboração do entretenimento e na disseminação de conhecimentos, valores, posturas e visões de mundo. São essas características, somadas à sua condição de meio com resistente popularidade que fazem com que a televisão mereça e exija pesquisas que procurem o entendimento de suas qualidades e capacidades na interferência e mesmo na formação das relações sociais, assim como “na transformação das referências simbólicas com que se forma (educacionalmente, politicamente) a consciência de jovens e adultos”. (SODRÉ, 2009, p.9). O conhecimento de suas características é fundamental para a base de estudos do multifacetário universo comunicacional que se desenvolve atualmente a partir do universo digital e da expansão das redes sociais.

5- Telejornais e exploração comercial das misérias sociais

Na área de tratamento da informação, aliada à necessidade de garantir credibilidade, a televisão tem como recurso mais comum o jornalismo, na acepção moderna e corrente do termo (MARCONDES FILHO, 2000). O chamado “telejornalismo” procurou trazer para a televisão as mesmas funções, compromissos e características do jornalismo impresso (KUNCZIK, 1997; GENTILLI, 2005; TRAQUINA, 2005) acrescido de imagem, som, maior rapidez na veiculação e com o recurso da transmissão ao vivo (BECKER, 2005).

No vasto campo televisivo relacionado ao jornalismo, composto por jornais de diferentes formatos, propostas editoriais, estilos, graus de credibilidade e duração, um deles destaca-se há tempos por seu vínculo com a violência, o chamado “jornal policial” ou “programa policial”. Embora a violência permeie todo universo *midiático*, nesses telejornais ela ganha um espaço privilegiado e específico, já que, acentuadamente, fazem da violência, muitas vezes reduzida a um efêmero conceito de “segurança”, seu mais importante “produto”, seu maior foco de abordagem, cobertura e veiculação. A maioria se qualifica e se auto-denomina como jornalismo, como “imprensa”, no sentido lato da palavra. E isso se justifica pelo uso dos instrumentais próprios do jornalismo como a cobertura dos fatos atuais e entrevistas que geram notícias e reportagens, mesmo que caracterizadas por linguagem e discursos peculiares, apologéticos e pela atuação dramática de seus apresentadores.

Com uma história marcada por políticas editoriais - incluindo conteúdos, linguagem, discursos e singulares formas de apresentação - e posturas controversas, o jornalismo policial procura passar à sociedade, como forma de justificar suas existências e características, a argumentação de que “é preciso mostrar a verdade”, ou que “mostrar a realidade é defender a cidadania”, “é necessário informar o cidadão sobre a violência e a falta de segurança”. Esses bordões não convencem a crítica mais aguda que aponta esses jornais como adeptos do sensacionalismo, da espetacularização, do desrespeito à pessoa humana, da comercialização do sentimentalismo e do uso pragmático das desigualdades sociais para a promoção de posicionamentos político-ideológicos a respeito da pena de morte, da tortura, da ação ilegal, truculenta e feroz das polícias (BENEVIDES, 1983 e NOGUEIRA, 2009).

Em nível mais profundo, como uma consequência não racionalmente calculada, mas ideologicamente produzida, os chamados “jornais policiais” também estimulam a promoção da submissão e da insignificância política dos sujeitos mediante a fomentação da cultura do medo e a hiper valorização dos mecanismos de controle social, particularmente os repressivos, aqueles

dos quais dispõem tanto o Estado quanto os grupos economicamente dominantes, ou seja, as organizações policiais e milícias armadas (MARCONDES FILHO, 1986 e 2001; SODRÉ, 1992 e SODRÉ, M; PAIVA, 2002). Soma-se a isso um aspecto que, de certa forma, é comum a outros gêneros da *mídia*, e que é crucial no entendimento da violência contemporânea: o tratamento da violência social apenas como uma manifestação do indivíduo, ou seja, a individualização de um fenômeno que é social e coletivo. Essa redução justifica as proposições constantes e também midiáticas de medidas punitivas individualizadas como a redução da idade penal, a pena de morte e, em instâncias difusas, o extermínio, particularmente de jovens pobres e negros no Brasil (NOGUEIRA, 2009). Os altos índices de aprovação e adesão ao espírito dessas medidas sociais são gerados a partir do consumo diário desses conteúdos plenos de pregação e (re)valorizações morais? Em quais outras fontes bebem as diferentes camadas sociais para a elaboração e mesmo formação de suas posturas ético/políticas? E as pesquisas? Como são posicionadas e o quanto se comprometem com essa realidade concreta e midiática e com uma real transformação da mesma?

6- Metodologia e questionamentos teóricos

No que se refere a aspectos mais estritamente metodológicos, entende-se que a indicação mais apropriada é aquela que aponta para a consideração dos questionamentos contemporâneos que envolvem as questões epistemológicas existentes não só no estudo da comunicação e da cultura, mas também em todo campo das ciências humanas e sociais. Como afirma Sodré, (2003), no seu texto sobre Ciência e método em comunicação, “a relativização da metodologia” pode significar ganhos em especial no que se refere à relação “sujeito”/“objeto” encurtando distâncias e desmontando arca os teóricos enrijecidos (p.306). Em uma pesquisa de caráter qualitativo, que supere a falsa dicotomia quantidade/qualidade, importa os seus objetivos e sua validade conceitual na busca de contribuição para o aumento do conhecimento nas diferentes áreas da sociedade (TRIVI OS, 1987). Dessa forma, a adoção de métodos específicos pode se dar de forma menos rígida desde que os procedimentos continuem correspondentes e fundamentados em uma base teórica sólida, no referencial teórico consistente adotado (TRIVI OS, 1987).

Considerando que os processos comunicacionais e culturais, em uma dimensão histórica e social, se dão na forma de relação entre consciências (MARTINO, 2001) envolvendo, além de aspectos psicológicos, uma postura  tica (GENRO, 1987), categorias como ideologia, heg monia, consciência e concepção de mundo permanecem com valiosa importância analítica e devem integrar o conteúdo dos mecanismos de investigação propostos para pesquisas qualitativas de caráter histórico e crítico. São categorias cujos sentidos estão intrinsecamente relacionados com um amplo conceito de cultura, ou de culturas. Suas dimensões no processo investigativo e analítico assim como suas características de renovação a partir de contradições não se alteraram com os cenários renovados pelos novos mecanismos, pela intensificação das linguagens e técnicas digitais e evolução da comunicação em rede.

Métodos e técnicas, porém, são adquirem validade e profundidade se suas concepções e práticas superarem, no campo da comunicação, especialmente do jornalismo, e da cultura, a visão reificada das relações sociais, a compreensão espontânea tanto das concepções cristalizadas no senso comum quanto aquelas produzidas pela ideologia dominante (GENRO FILHO, 1987).

Na contemporaneidade, em complexos contextos como o da sociedade brasileira, estudos envolvendo a comunicação e a cultura requerem - além de técnicas e métodos - posturas metodológicas não ortodoxas nem rígidas, capazes de aproximar, dialeticamente, realidades,

saberes e sujeitos envolvidos. Com essas indicações é possível apontar, como sugestão, que pesquisas nesse campo comum, ou nesses campos, tenham um referencial teórico abrangente, multidisciplinar, que acolha as contribuições construídas ao longo de quase um século de investigações nas ciências humanas e sociais, em um arcabouço complexo que inclua, além das pesquisas de caráter acadêmico, as lutas sociais, os embates travados na forma de experiências sociais de povos, comunidades, culturas, sujeitos individuais ou coletivos nas suas buscas por liberdade e emancipação. O aperfeiçoamento dessas práticas implica na continuidade dos questionamentos e na buscas de re-elaboração de conceitos que nasçam do contato com a realidade pesquisada possibilitando, assim, a abertura para procedimentos e questionamentos metodológicos outros (SODRÉ, 2005), sugeridos e indicados pela própria relação com o “objeto” e seu contexto, ou seja, que nasçam da relação com os sujeitos envolvidos, que brotem das tramas desenvolvidas nos seus cotidianos e dos próprios conhecimentos encontrados ou produzidos no processo.

7 - Referências

- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem. Discurso e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zauar, 2001.
- _____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- BECKER, Beatriz. *A linguagem do Telejornal: Um estudo da Cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-paper, 2005.
- BENEVIDES, Maria Victoria. *Violência, povo e polícia. Violência urbana no noticiário da imprensa*. São Paulo, Brasiliense. 1983
- BERGER, C. A Pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V. V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Vozes. 2001
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. *A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes*. São Paulo: Paulus, 2007
- BRIGGS, Asa, PETER, Burke. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- CEVASCO, M. Eliza. *As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000
- DAGNINO, Evelina. Cultura, Cidadania e Democracia. In ALVARES, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (orgs). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000
- FEYERABEND, Paul K. *Diálogos sobre o conhecimento*. São Paulo: Perspectiva, 2008

FIRMIANO, Frederico Daia e GONÇALVES, M. A. (orgs.). *Horizontes da luta social – os sujeitos da política*. Belo Horizonte: Bookjuris Editora, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. *A formação cultural dos jovens no MST: a experiência do assentamento Mário Lago, em Ribeirão Preto*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GENTILLI, Victor. *Democracia de massas: jornalismo e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Disponível em <http://www.ibopec.com.br/>. Acessado em 15/04/2013

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010

_____. *Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 2000

GRAMSCI, A. A concepção dialética da história. RJ.: Civilização brasileira, 1966.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, volumes 2, 3, 4 e 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

JENKINS, H. *Cultura de convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Enigmas da modernidade - mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KEHL, Maria Rita. “Imaginar e pensar”. In: NOVAES, Adauto (org.) *Rede Imaginária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

_____. “Televisão e violência do imaginário” In: HAMBURGUER, Esther e BUCCI, Eugênio. *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

KELLNER, Douglas. *Cultura da mídia e triunfo do espetáculo*. In: MORAES, Dênis de. *Sociedade Midiatizada*. São Paulo: Mauad, 2006

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo : Norte e Sul*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

LOPES, M.I. *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. (Org.) *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

LÖWI, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *As aventuras de Karl Marx conta o barão de Münchhausen. Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2007

MARCONDES FILHO, C. *Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil*. São Paulo: Summus, 1985.

_____. *Violência das massas no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1986

_____. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000

_____. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. *Rev. São Paulo em Perspectiva*, abr./jun. 2001, vol.15, no.2, p.20-27

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando. In: HOHLFELDT, A. MARTINO, L.C.; FRANÇA, V. V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Vozes. 2001

MARTÍN-BARBEIRO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001

_____. *Comunicacion massiva: discurso y poder*. Quito: Época, 1978

MÉSZÁROS, Istvan. *Marx: A teoria da alienação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

NETTO, J. PAULO. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Ciências Humanas, 1987.

_____. “Mídia e indústrias culturais na América Latina: concentração e luta pela diversidade”, in Pedro Gilberto Gomes e Valério Cruz Brittos (orgs.). *Comunicação e governabilidade na América Latina*. São Leopoldo: Finep/Alaic/Editora Unisinos, 2008.

MORAES, Denis. (Org.) *Sociedade Midiatizada*. São Paulo: Mauad, 2006

_____. “O capital da mídia na lógica da globalização”, in MORAES, Dênis (org). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Record, p. 187-216. 2010.

NOGUEIRA, Silas. *Cidade Ameaçada: aspectos da violência infanto-juvenil em Ribeirão Preto*. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

_____. *Movimentos Sociais, Cultura, Comunicação e Participação Política*. São Paulo, 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes

_____. Comunicação, Cultura e Violência – Espetáculo, fascismo, tortura e o filme “Tropa de Elite”. In: OLIVEIRA, Dennis e NOGUEIRA, Silas. (Orgs.) *Mídia, Cultura e Violência. Leituras do Real e da Representação na Sociedade Midiatizada*. São Paulo: CELACC/ Eca/USP, 2009. p. 27- 61

_____. Cultura, política e transformação em Gramsci. In: FIRMIANO, F. Daia. e GONÇALVES, M. A. (orgs.). *Horizontes da luta social – os sujeitos da política*. Belo Horizonte: Bookjuris Editora, 2010.

OLIVEIRA, Dennis. Violência midiática: a crise de uma tradição civilizatória. In: OLIVEIRA, Dennis e NOGUEIRA, Silas. (Orgs.) *Mídia, Cultura e Violência. Leituras do Real e da Representação na Sociedade Midiatizada*. São Paulo: CELACC/ Eca/USP, 2009. p. 27- 61

ROSSI-LANDI, F. *A linguagem como trabalho e como mercado: Uma teoria da produção e da alienação lingüísticas*. São Paulo: DIFEL 1985.

SILVEIRA, Paulo e DORAY, Bernardo (orgs.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989.

SILVEIRA, P. Da alienação ao fetichismo: Formas de subjetivação e de objetivação. In: SILVEIRA, P. e DORAY, B. (orgs.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989. 41- 46

SODRÉ, Muniz. *O Social Irrradiado – violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Antropológica do Espelho. Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede.*

Petrópolis: Vozes, 2002

_____. *Ciência e método em comunicação.* In: LOPES, M.I. _____. (Org.) *Epistemologia da comunicação.* São Paulo: Loyola, 2003. p. 305 – 311

_____. *Verdade Seduzida.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 3ª edição.

_____. *Sociedade, mídia e violência.* Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2006.

SODRÉ, M; PAIVA, R. *Império do Grotesco.* Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.* Florianópolis: Insular, 2005

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VILCHES, Lorenzo. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, Dênis de (Org.) *Sociedade Midiatizada.* São Paulo: Mauad, 2006

WILLIAMS, Raymond. *Cultura.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação.* Brasília: Ed. UnB, 2004.

ZALUAR, Alba. *A ilusão dos jovens e o crime organizado.* Comunicação & Política. v.1, n.2, p. 231-250. dez./mar. 1994-1995.

Notas

¹ Como exemplo rudimentar das dimensões do controle, bastam as recentes denúncias sobre violações de privacidade e espionagem em âmbito internacional feitas por polícias e setores de segurança dos EUA.

² Sodré (2002), na perspectiva de conceituar *mídia*, trabalhou a noção de *bios midiático*, um espaço de existência contemporâneo que possui regras e códigos próprios e que tem entre suas características a supervalorização da imagem e a fragilidade na divisão entre o real e o virtual. Esse *bios*, que ampara o conceito de *mídia* trabalhado aqui, inclui as posições que o sujeito ocupa na sociedade, suas relações e imbricação existente, na cultura ocidental contemporânea, entre *mídia*, cultura, mercado e consumo.

